

Letramento Paleográfico: a escrita para além do código

Palaeographic Literacy: writing beyond code

Wagner Rodrigues Loiola*

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Ceará, CE, Brasil

Expedito Eloísio Ximenes**

Universidade Estadual do Ceará, Ceará, CE, Brasil

Resumo: Discutir sobre uma ciência considerada da “escrita antiga” à luz do letramento, que parece ser algo bem recente, pode até demonstrar uma certa incoerência. No entanto, a Paleografia não estancou na concepção dada a ela por muitos, e essa ciência se adequa muito bem às discussões sobre letramento e sobre práticas pedagógicas de ensino de aquisição da escrita. Este artigo tem por objetivo discutir sobre o Letramento Paleográfico e a atualidade da Paleografia como história da cultura escrita em qualquer época e em suportes vários. Fizemos uma digressão pela história da linguagem e do surgimento da escrita com base em autores que tratam da temática, como Fischer (1999 e 2006), Martins (2002), Janson (2015) e autores que tratam da aquisição da escrita na atualidade, como Soares (2002) e Street (2012). Apresentamos algumas formas de escrita antiga, textos produzidos no século XVIII, textos escolares atuais e textos em ambientes virtuais para percebemos o processo de escrita na linha do tempo. Percebemos que a Paleografia, longe de ser uma ciência de leitura de textos antigos, é uma ciência que se renova a cada movimento da sociedade, dando conta das realidades e das ações do ser humano em se falando de práticas de escrita e em suportes dos textos. Assim, a Paleografia, como história da cultura escrita, é uma ciência interdisciplinar e atualizada no tempo presente.

Palavras-chave: Paleografia. Cultura escrita. Letramento Paleográfico. Usos da escrita. Aprendizagem da escrita.

Abstract: This paper aims to discuss and investigate a relevant issue related to palaeographic literacy: the influence of writing history on contemporary texts, and the emergence of writing. The research was done with basis on well-known theorists in this field of studies: Fischer (1999, 2006), Martins (2002), Janson (2015); and others, who investigate writing nowadays: Soares (2002) and Street (2012). The study consisted of the analysis of two groups of texts: one group comprises texts produced in the eighteenth century, considering that they contain crucial features for the study at play. The other group consists of school texts selected from the internet. This assisted us to realize and comprehend how writing evolved over the years. Results proved that palaeography is not only a science that contributes to decoding ancient texts. It also plays an important role in practices of writing of contemporary texts. This proves that palaeography did not get stuck in its time. On the contrary, when it comes to writing, it is connected to every social movement which emerges over the years. We could notice that it is an interdisciplinary science, seeing that it makes a good contribution to Linguistics as

* Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil; wagnerloiola@gmail.com

** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA e Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil; expedito.ximenes@uece.br

a whole. To sum up, paleography does not only reflects the history of writing, but also helps in the process of production and reception of contemporary texts. We can regard it as a science which advanced as other important sciences did in our society. We are opposed to some scholars who believe that palaeography got stuck in ancient times. Our findings in our research proved that it may be treated as a modern science. Therefore, their rationale needs to be re-thought.

Keywords: Palaeography. Writing culture. Litteracy. Palaeographic Literacy. Uses of writing. Writing learning.

1 INTRODUÇÃO

As possibilidades de acesso à internet, na atualidade, por meio de equipamentos cada vez menores e de fácil portabilidade, permitem que as pessoas, de diferentes níveis escolares e socioeconômicos, possam adentrar na seara digital e tenham a falsa impressão de domínio da tecnologia da escrita. Esse novo mundo que está em pleno desenvolvimento suscitou discussões e mudanças nos fluxos educacionais para prepararem discentes e docentes afeitos às novas demandas tecnológicas e sociais.

Nesse contexto, as pesquisas, nas últimas duas décadas, nortearam seus estudos para as teorias, para as práticas e para os impactos do mundo digital e das tecnologias de informação e comunicação – TICs – na vida dos indivíduos, aqui em específico, das comunidades escolares, ajudando a desconstruir um discurso tecnóforo e do desvirtuamento da língua ocasionada pelas e nas interações mediadas pelos suportes eletrônicos. Contudo, essa inflexão ao digital fez com que práticas ainda necessárias em sociedade fossem colocadas à margem do ensino em diferentes segmentos, tanto na formação e na prática dos docentes quanto na formação e na prática dos discentes.

Não queremos advogar em favor da exclusividade do ensino voltado para as novas tecnologias e nem temos uma posição extremista e saudosista em relação aos processos e procedimentos “tradicionais” de escrita, só percebemos em um contínuo de práticas sociais e históricas situadas. Assim, a escrita manual cursiva ainda permanece como principal elemento e ferramenta de ensino no Brasil, no século XXI, com práticas pedagógicas muito similares às dos séculos XVIII e XIX, e, mesmo os processos seletivos aludidos de excelência, como os vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), requerem dos candidatos uma produção manual cursiva.

Desta feita, o entendimento da língua(gem) como interação só ratifica a importância de disciplinas como a Filologia, centrada na recuperação, edição e transmissão de textos, e a Paleografia, que tem como objeto a escrita, sua história e sua função em qualquer época. Essas ciências são fundamentais para a compreensão da dinamicidade da língua e dos processos interativos na formação dos professores, compreendendo as tradições passadas. No entanto, os aspectos sincrônicos dominam os cursos de Letras, empenhando dispendioso tempo na tentativa de desvelar “todo” o fenômeno linguístico a partir do agora, o que apenas arranha a superfície de uma computação ubíqua.

Em meio a esse panorama difuso, o sistema educacional precisa preparar os diferentes agentes desse ambiente a pensar a escrita para além dos processos de codificação e decodificação – uma alfabetização no aspecto mais rudimentar do vocábulo – em uma reflexão crítica sobre os processos e influências da escrita para as sociedades. Para tanto, pretendemos conceituar o termo Letramento Paleográfico –

LP – por meio de uma introspecção argumentativa sobre a Paleografia, os tipos caligráficos e as práticas sociais escritas.

Vamos abordar neste trabalho o letramento ou domínio da escrita e da leitura, por meio das reflexões acerca da Paleografia, sobretudo, em suas três dimensões, a saber: paleografia de leitura, paleografia crítica e paleografia cultural ou de história da escrita. Vemos que o LP passa por etapas que ao longo do tempo mudaram as práticas de domínio do texto escrito e da leitura dos textos.

Cada concepção de Paleografia está relacionada à prática de lidar com os textos. Dessa forma, de um método de leitura decodificadora, seguindo as normas de transcrição, entendia-se a Paleografia como a ciência da escrita antiga; depois a concepção de analisar os caracteres que compõem a grafia e a escrita dos textos, tanto estruturais, como modificativos (suportes, instrumentos, destinatários e nível cultural dos autores etc.); passou-se para uma terceira fase que se centra nas perguntas: *quem, quantos e por que se escreve os textos?* Esta concepção vai além da codificação para uma análise crítica do texto escrito e das razões que levam alguém a escrever. Está contida nesta concepção a história da cultura escrita e toda a importância que é o ato de escrever, tanto no passado quanto no presente.

Com base nestas concepções e nas mudanças ocorridas ao longo do tempo, no entendimento de Paleografia como processo de desenvolvimento evolutivo do ser humano face às suas práticas de lidar com o conhecimento, trazemos esta discussão para as práticas da atualidade no ambiente em que se aprende a ler e a escrever, que é o ambiente escolar. É nele, por excelência, mas não unicamente, que o ser humano tem contato direto com os diferentes instrumentos da escrita e com as razões de aprender a ler e a escrever, frente aos novos meios e instrumentos que contribuem para o letramento escolar.

FLP 23(2)

2 A CIÊNCIA DA ESCRITA: A PALEOGRAFIA

Tem-se consciência de que, com a presença do *homo erectus* no planeta Terra, há cerca de dois milhões de anos, já havia uma linguagem, mesmo rudimentar, articulada para comunicar alguma coisa.

Os atributos da fala humana articulada parecem ter evoluído rapidamente, entre 1,6 milhões e 400.000 anos atrás. Dessa última data, chegam-nos o mais antigo fóssil homínido que sugere um provável uso da fala vocal. Este provável emergiu com uma espécie inteiramente nova de homínido: o *Homo erectus*. (Fischer, 1999, p. 35).

Com a presença do *homo sapiens*, há mais ou menos trezentos mil anos, ocupando boa parte do planeta, a linguagem passou pelo processo de desenvolvimento, pois esta espécie já se comunicava de forma bem articulada e “os processos mentais complexos são tornados possíveis por frases complexas, permitindo sociedades com base na fala” (Fischer, 2002, p.51). Os humanos modernos, a partir de cento e cinquenta mil anos, apresentam características físicas necessárias à fala tais quais as que apresenta na atualidade.

O esquema abaixo, adaptado de Fischer (1999), apresenta o processo evolutivo da espécie *homo*.

Do *Homo erectus* surgiram aparentemente duas linhas divergentes principais:

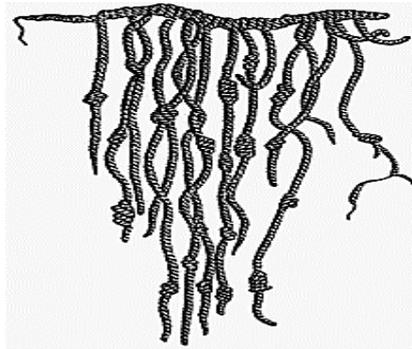
1. *Homo neanderthalensis* (há 300.000 anos) os processos mentais complexos são provavelmente possíveis por frases complexas, permitindo sociedades com base na fala, mas [i], [a], [u] não podem ser pronunciados por essa espécie.

2. *Homo sapiens* (há 300.000 anos): os processos mentais complexos são tornados possíveis por frases complexas, permitindo sociedades com base na fala). Humanos modernos (há 150.000 anos): todas as características necessárias à fala, tal como a conhecemos hoje, encontram-se presentes há cerca de 150.000 anos. (Fischer, 1999, p.51).

O surgimento da linguagem humana está atrelado à capacidade de desenvolvimento do cérebro. Foi possível uma evolução por meio dos gestos, dos guinchos e dos suspiros iniciais para uma linguagem articulada. Assim, o registro escrito das línguas pode ser considerado a continuação desse processo evolutivo. No entanto, não se pode afirmar que as línguas ágrafas não tenham passado pelo processo de evolução. Também não se sabe precisar com exatidão em que momento iniciou a prática da escrita. Há várias teorias acerca do seu surgimento, onde e quando foram usados os primeiros sistemas de uma língua escrita e em que suporte. Há uma hipótese de que a invenção da escrita tenha ocorrido em três lugares, como ressalta Janson (2015):

A maioria dos estudiosos acredita que a escrita foi inventada de forma independente pelo menos três vezes: na Mesopotâmia, na região do Tigre e do Eufrates por volta de 3.000 a.C.; na China, em fase não posterior a 1.500; e na América Central, três ou quatro séculos antes da era cristã. (Janson, 2015, p. 63).

Diversas são também as teorias que discutem o porquê do surgimento da escrita. Foi uma necessidade religiosa, política, cultural ou administrativa? Berwanger e Leal (2012), ao discutirem essa questão, afirmam que a hipótese mais provável seja a administrativa, pela escrita resolver problemas burocráticos da sociedade. Seja qual for motivo, o que importa é que a prática de escrever é atual, boa parte do mundo usa a escrita para variados fins. As formas de registro das informações evoluíram de simples rabiscos em suporte material duro, para símbolos mais elaborados, até se constituírem na escrita alfabética. As primeiras formas de comunicação por meio de registros parecem ser os entalhes há cerca de cem mil anos atrás, conforme Fischer (2009). Outros símbolos gráficos e mnemônicos eram usados, como os nós em cordas no período neolítico, destacando-se os registros de Quipu, na América do Sul, conforme imagem a seguir.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quipu>.

Figura 1 - Nós em corda.

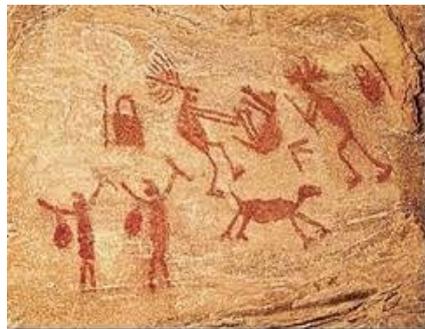
Os entalhes em cascas de árvores, em ossos ou mesmo galhos arranjados sobre o caminho também são recursos mnemônicos, que transmitem uma ideia que não pode ser comunicada oralmente, salienta Fischer (2009).



Fonte: Fischer (2009, p. 18).

Figura 2 - Entalhe no osso Ishango. Zaire.

Vários outros recursos foram desenvolvidos pelo homem primitivo, como a pictografia, que se caracteriza pelos lembretes ou mensagens representadas por meio de marcas e elementos mnemônicos.



Fonte: <https://dissertareargumentar.wordpress.com/2013/02/11/historia-da-escrita-1-a-humanidade-grafa-e-a-escrita-pictografica/>.

Figura 3 - Desenhos da escrita pictográfica.

FLP 23(2)

Outra fase é a escrita ideográfica, que é uma linguagem simbólica em que cada palavra ou grupo de palavras essenciais da frase tem símbolo individual ou fixo, representando uma ideia abstrata, uma qualidade, uma ação.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/5818154>.

Figura 4 - Escrita ideográfica chinesa.

A Silabografia é outra fase da escrita: trata-se de um sistema em que a sílaba tem sua representação própria, como na escrita japonesa.

Por fim, a escrita fonográfica, ou sistema fonético. Neste sistema, cada som tem seu símbolo individual, chamado letra. Remonta aos fenícios, que aperfeiçoaram e divulgaram o alfabeto. Há indicativos de que o alfabeto foi criado pelos egípcios, tendo os gregos e fenícios recebido este instrumento poderoso para a expansão da escrita, conforme Martins (2002). O alfabeto fonético é adotado em todas as línguas ocidentais e por algumas línguas orientais, e marca um grande avanço na história da humanidade, como destacam historiadores da escrita como Higounet (2003) e Martins (2002), dentre outros.

A invenção do alfabeto e, muito posteriormente, a do papel, causou impactos imensuráveis ao mundo, que ainda hoje são insuperáveis, não obstante toda a tecnologia que o homem moderno supõe ter descoberto.

O processo de desenvolvimento da escrita em qualquer suporte material brando e em qualquer modelo de registro é estudado pela ciência que denominamos de Paleografia. Já a escrita em suporte duro, seria objeto de estudo da Epigrafia. Assim como a prática da escrita e o desenvolvimento de material de escrita passou e passa constantemente por mudanças, assim também ocorre com a concepção de Paleografia. Mas é importante frisar que essa não é uma ciência obsoleta, pois acompanha o processo evolutivo do ser humano em sua prática antiga e contemporânea de querer comunicar algo aos seus semelhantes por meio de textos escritos. A ação de comunicar nunca será ultrapassada, ao contrário, sempre ganha força e poder a cada meio de comunicação que o homem cria. Assim, a Paleografia e a escrita são produtos desse processo, renovando-se e se atualizando a cada passo das sociedades, como é visível nos meios e recursos pelos quais as pessoas se expressam na atualidade.

Como dito acima, as formas de registro escrito são tão antigas como a presença do ser humano no planeta. Os primeiros vestígios em forma de rabiscos foram anotados em matéria dura. Essas formas já podem ser consideradas um processo e

produto de escrita. Quando a escrita se torna um instrumento efetivo de registros de comunicação e expressa a cultura de um povo, os suportes que a sustentam surgem em grande escala em matérias brandas e flexíveis como o papiro, o pergaminho e o papel, marcando o grande avanço tecnológico de sua época, que atualmente ainda não foi superado nem substituído, apesar da invenção do suporte digital.

Nesse contexto, poderia-se pensar numa ciência que daria conta do estudo da escrita. Essa ciência só se constitui de forma sistemática e reconhecida no século XVII com a obra do monge beneditino Jean Mabillon, *De re diplomática (Acerca de assuntos diplomáticos)*, em seis livros, datada de 1681.

A definição de Paleografia mais empregada em manuais e dicionários é o estudo da escrita antiga. O sentido parece estagnado no tempo, apenas se reporta aos textos antigos e à forma de ler e interpretar a escrita desses textos, nos suportes brandos ou macios, como afirma Acioli (2003, p.5): “Ela [a Paleografia] estuda particularmente a escrita feita sobre material brando ou macio, tais como, as tábuas enceradas, o papiro, o pergaminho e o papel [...]”. Vários manuais apresentam o mesmo conceito. Mendes (1953, p. 11) traz definições semelhantes de outros autores e defende que “A nosso ver poderíamos simplesmente dizer que: ‘A Paleografia é a arte de ler documentos antigos’”. Dessa forma, ele a considera uma arte e restringe-a apenas aos textos antigos. Berwanger e Leal (2003) também apresentam um apanhando de definições que corroboram com a noção mais tradicional.

Em nosso entendimento, a Paleografia expande-se para a leitura de textos escritos em qualquer época e em qualquer suporte, inclusive sobre os escritos em ambiente virtual. Alguns autores restringem o campo da Paleografia aos textos escritos em materiais brandos e reservam os materiais duros à Epigrafia. Na concepção de Zozaya-Montes (2017), a Epigrafia estuda as epígrafes, ou os textos de publicidade, como anúncios e cartazes. Para a autora, a Epigrafia se caracteriza como inscrição em qualquer material, como é comum vermos hoje, nas faixas de pano, nos outdoors, nas paredes das cidades, nas pedras, nas fachadas das lojas, com o objetivo de publicizar informações comerciais ou divulgar ideias, nomes e partidos de candidatos a cargos políticos, anúncios de festas, outros acontecimentos e propagandas de produto em geral. Não importa a consistência do material, o que está em foco é a funcionalidade da escrita.

Assim como a Epigrafia, a Paleografia também estende seu conceito e sua função, ganhando novos contornos, conforme já discutido, como uma ciência da atualidade. Podemos trazer o seu conhecimento para a formação pedagógica, para se entender o processo de aprendizagem da língua escrita e da leitura em primeiras séries escolares.

A Paleografia está atrelada à história da escrita e, por conseguinte, à história do ser humano e da cultura escrita. É impossível não pensar nos suportes, nos recursos, nas finalidades, na funcionalidade da escrita na sociedade moderna. O conceito de Paleografia ampliou sua dimensão e passa a compreender três concepções, como aponta Zozaya-Montes (2017). Uma paleografia de leitura, que presta grandes vantagens por decodificar textos aparentemente ilegíveis; uma Paleografia crítica de análise interna dos elementos que compõem a escrita em seu processo de elaboração e uma Paleografia cultural, atenta aos usos da escrita numa abordagem mais funcional e política, uma vez que a escrita estabelece uma posição de empoderamento para aqueles que a usam como forma de divulgação de ideias e de pensamentos. Dessa

forma, a aprendizagem da escrita é um meio de inserção social e é tarefa fundamental do sistema educacional oferecer um letramento suficiente aos seus educandos como instrumento que potencializa os estudantes para o mundo.

3 LETRAMENTO PALEOGRÁFICO

A aquisição da tecnologia escrita nos primeiros anos da vida escolar, para a maioria dos usuários, já garante sua inserção na sociedade dos letrados. Contudo, o indivíduo, ao ser alfabetizado, apenas é apresentado ao código de uma tecnologia milenar, que através da repetição acaba por ser internalizada nos sujeitos, o que dá a falsa impressão de apropriação da cultura escrita. Tal apreensão desse sistema coloca em xeque o conceito do indivíduo alfabetizado quando este está em meio a práticas sociais concretas.

O termo *letramento* ganha destaque ao diferenciar os indivíduos que têm domínio do código, do alfabeto e das práticas sociais concretas, de interagirem por meio da língua escrita. Nesse tocante, Tfouni (1995, p. 20) afirma que, “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”.

Tais termos não são contrastantes, mas partes indissociáveis de um processo maior de interação no fluir das comunidades, o que acaba por gerar processos de inclusão social. Um dos objetivos da alfabetização é condicionar os indivíduos a realizar determinadas práticas sociais escritas, ou melhor, que os sujeitos possam manifestar de alguma maneira a escrita em um uso social real. Já a realização e o uso social da escrita e a percepção de suas (multi)funções é o que constitui o letramento.

Desta feita, o “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 1995, p. 39). Para o movimentar-se em uma sociedade de informação e de interações mais rápidas e efêmeras é essencial o conhecimento da escrita, pois ela é uma tecnologia resiliente, capaz de se adaptar a diferentes suportes e continuar a gerir as interações no fluir linguageiro e funcional da escrita e suas ações.

As especificidades das práticas sociais impulsionaram a caracterização de letramentos específicos - letramento digital, letramento literário, letramento visual - para melhor designar os fenômenos e as práticas sociais e sua(s) complexidade(s). Tal pluralidade ocorre porque todo letramento é situado e cultivado em contextos sociais específicos, assim como as práticas sociais escritas. “É a abordagem do letramento como prática social que fornece um modo de construir sentido sobre as variações nos usos e nos significados do letramento nesses contextos” (Street, 2012, p. 78-79).

Então, devemos considerar que os usos da escrita são eventos de letramentos que ocorrem em situações particulares de interação, mas a sua funcionalidade depende de outros fatores observáveis nas práticas de letramento que “referem-se a essa concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais” (Street, 2012, p. 77).

O estudo da escrita é um fator essencial para a compreensão dos processos de interação e hoje, com as possibilidades proporcionadas pelos novos suportes na

produção de textos hiper(multi)modais, cada vez mais colaborativos e responsivos, a escrita ocupa um novo espaço na construção textual, tornando-se uma ponte de integração entre os diferentes modos semióticos utilizados na composição textual e mais uma das formas de texto.

O Letramento Paleográfico-LP é a habilidade de compreender e/ou produzir diferentes tipos de escrita, bem como entender os aspectos sócio-histórico-políticos e discursivos de cada escolha textual de registro. A perspectiva do LP não é unicamente a capacidade de decodificação e processamento dos caracteres ou formas escritas, mas também a percepção da escrita enquanto propulsora da interação social que acumula em si determinados traços de práticas culturais, e também a gestão de comandos que impulsionam o desenvolvimento de uma sociedade em todos os aspectos. É também a perspicácia de entender o que está por trás da escrita, além da materialidade textual, perceber seus autores, suas intenções e seus discursos. Esse entendimento vai ao encontro do que apresentamos acima, sobre as noções de Paleografia e de letramento.

Convém destacar que o termo LP¹ não é ainda encontrado na literatura com uma definição, até onde vai nosso conhecimento. Estamos desenvolvendo o termo aqui com base em outros tipos de letramentos já bem difundidos. A concepção do termo LP está, portanto, relacionada à concepção de Paleografia centrada numa leitura profunda e crítica dos textos e dos discursos que neles se subjazem, a qual vai além de decodificar signos linguísticos.

Estamos em um ponto de inflexão para o digital, as demandas sociais requerem indivíduos com a capacidade de processamento de informação e dinâmicas nunca exigidas, mas continuamos a alfabetizar a maioria da população e não as *letrando*, repetindo os erros seculares que ocorreram e ocorrem com o binômio escrita e suporte.

As habilidades e o conhecimento do letramento impresso são essenciais, mas não suficientes para dar assistência aos jovens ao passo que eles vivem suas vidas em uma sociedade de informação e rede. Quando o letramento é visto como o repertório de habilidades linguísticas e intelectuais que os alunos necessitam para atuar nos níveis mais elevados em um mundo multimídia, noções de letramento como conjunto de habilidades básicas prescritas por um mundo baseado no impresso parecem cada vez mais limitadas. (Snyder, 2009, p. 43, grifos nossos).

Assim, o LP torna-se um requisito básico para a inserção social dos sujeitos em diferentes esferas e comunidades, pois tal letramento permite a criticidade em relação à escrita e à compreensão de que ela é um instrumento tecnológico de engenharia social capaz de segregar determinadas comunidades por anos ou séculos. Ou seja, não é a aquisição do código que garante o domínio sobre a tecnologia ou a inserção nas práticas sociais escritas sem uma reflexão, mas a compreensão de que a escrita tem uma função para além de registro duradouro da fala.

O LP propõe, portanto, uma inversão de perspectiva, ao invés de focar no código como um objeto unitário, prefere investigar o processo da qual ela, a escrita, faz parte. Desta feita, temos uma imersão do pesquisador/indivíduo em diferentes contextos situados de ação na tessitura languageira no fluir das interações, criando

¹ O termo *Letramento Paleográfico* é cunhado e mencionado por Loiola (2019). Contudo, em seu trabalho de doutoramento não ocorre o desenvolvimento e a definição do termo.

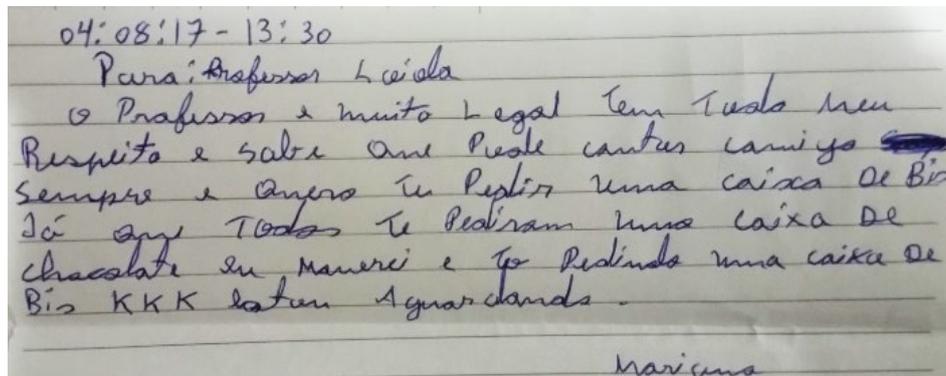
experiências etnográficas a partir de uma massa documental escrita capaz de reificar, refletir e refratar as práticas sociais com todas as vicissitudes possíveis.

A proficiência dos indivíduos no LP é produzida a partir de sua prática cotidiana situada, que necessita ativar e desenvolver aptidões cognitivas e motoras de leitura e de escrita, bem como enlaçando as relações contextuais de produção, circulação e consumo dos textos. Com isso, temos uma aproximação dos pares – autor, texto e leitor – (re)estabelecendo as rotinas escritas languageiras.

4 LETRAMENTO PALEOGRÁFICO: A CONSTITUIÇÃO DE UMA PRÁTICA RESILIENTE

A escrita é uma tecnologia que continua a ter uma relevância significativa nas práticas languageiras por ter uma fácil adaptabilidade a diferentes suportes e resistir às modificações inerentes do uso cotidiano pelos indivíduos, conservando uma estrutura cognitiva de rápido acesso pelo reconhecimento dos caracteres e das formas das letras.

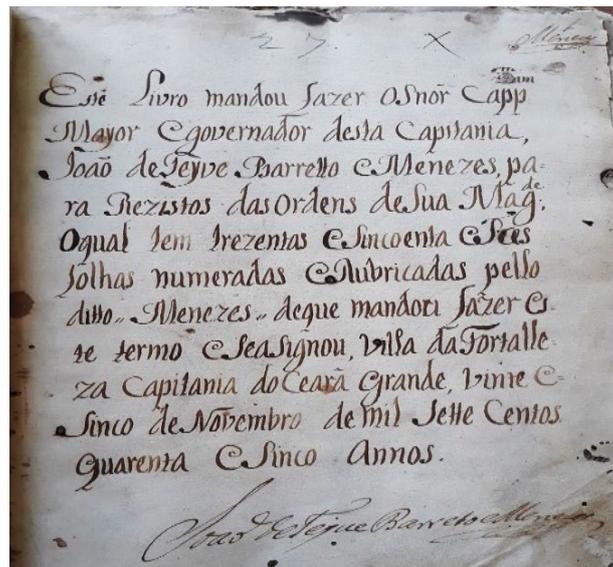
A utilização da escrita em contextos situados faz com que cada usuário perceba as necessidades da enunciação e as coloque em prática para uma melhor utilização, ou pelo menos que o usuário espera que seja a mais apropriada para um contexto emergente. A Figura 5 mostra um processo de hibridização da modalidade escrita no papel, pois esta sofre uma influência que é exercida pela prática em outro suporte, o digital.



Fonte: Arquivo dos autores.

Figura 5 - Bilhete produzido por alunos do Ensino Fundamental.

Tal atividade, que foi realizada com alunos do 7º ano em escola estadual de ensino regular do estado do Ceará, no município de Fortaleza, tinha o objetivo de desenvolver/escrever um bilhete para ser entregue para alguém da escola. No mo(vi)mento de construção do texto, a aluna inseriu hora e data, uma disposição de suportes eletrônicos que garantem o aparecimento desses itens de forma automática nas mensagens de e-mails ou WhatsApp e, na última linha do texto, a ocorrência de “KKK” como uma das formas de representação de risos, também muito usada nos textos de comunicação informal em suportes eletrônicos.



Fonte: Arquivo Público do Estado do Ceará-APEC.

Figura 6 - Termo de abertura de um livro do século XVIII.

A Figura 6 é um termo de abertura de um livro de registro do governo da então capitania do Ceará, no século XVIII, que informa quem mandou fazer, ou melhor, quem mandou executar a função de registrar determinados tipos de documentos para que ficassem resguardadas cópias que tivessem fé pública, um texto escrito quase trezentos anos antes do texto da Figura 5. Existe uma diferença de objetivos, de materiais aparentes e instrumentais, da idade de quem escreve, do contexto histórico, do formato das letras, mas o processo continua a ser uma prática que requer um domínio para além do código. Invocamos aqui as três concepções de Paleografia para uma leitura literal do texto, uma leitura crítica, comparando os elementos linguísticos, e uma compreensão da dimensão política do texto, envolvendo os discursos que subjazem nos textos.

Na Figura 7, temos uma prova que simula a prática social de escrita do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Desta feita, o aluno procurou escrever com seus recursos estilísticos que mais tivessem uma aproximação da modalidade formal da língua portuguesa. Tal atividade discursiva é um ato de escrita controlado aos moldes dos vestibulares, que fazem com que certos objetivos de escrita fiquem perdidos. Contudo, é requerido dos candidatos um nível de proficiência escrita satisfatório para a maioria das práticas formais em sociedade.

Em todas as figuras apresentadas, mesmo sendo redigidas por pessoas e em épocas diferentes, o tipo de escrita é humanística, com as influências de cada contexto, em que o correr do material de escrita acarreta um processo de enlace das palavras e hastes alongadas. O papel, matéria subjetiva, é o suporte de todos os exemplos com diferentes tecnologias para a sua confecção. Em todos os casos, a escrita se impõe como uma exigência de registros, como elemento de comunicação e com força política, no caso dos textos oficiais da administração pública.

Já a produção de textos no século XXI é influenciada por características dos suportes eletrônicos, questão abordada brevemente na Figura 5, com a presença de abreviaturas próprias de contextos eletrônicos que foram trasladadas para o suporte papel, bem como a não presença de pontuação e acentos².



Fonte: Arquivo dos autores.

Figura 9 - Diálogo no WhatsApp.

A Figura 9 representa um exemplo dos processos de escrita que se revelam cada vez mais dinâmicos e interativos, possibilitados pelos suportes digitais. No diálogo do texto acima, dois professores pós-graduados interagem em um grupo de WhatsApp e discutem como será a prova de língua portuguesa. No entanto, não obedecem à norma padrão da língua, porque o ambiente de comunicação possibilita uma maior interação e relaxamento.

No processo de escrita em ambiente virtual, existem abreviaturas por supressão de caracteres, troca de caracteres por correspondência fonética, utilização de *emoticons*

² Tal fato pode ser explicado pelo conflito que determinados caracteres podem gerar no processo de programação e/ou utilização em determinados sistemas.

para representar espanto e risos e ainda as possibilidades de correção realizadas pelo aplicativo.

O que percebemos nessa pequena digressão sobre o uso da escrita é que ela é considerada uma grande tecnologia que acompanha a história da humanidade, adaptando-se às transformações inerentes do ser humano, acomodando-se aos suportes e aos modelos desenvolvidos. No entanto, resiste com a força de informar e transformar as realidades e as ações dos sujeitos no mundo. Dessa forma, o LP dos sujeitos que fazem uso da escrita é uma realidade cada vez mais urgente, para que todos sejam inseridos no processo de produção, leitura, interpretação e ação por meio da língua escrita, pois a língua ostenta um poder e saber as técnicas e os usos da escrita e os domínios da língua é uma forma de empoderamento para qualquer ser humano.

5 CONCLUSÃO

A introdução de uma nova tecnologia para a realização da escrita e sua paulatina disseminação nas comunidades provoca alterações em um processo gradual de mudança no comportamento em sociedade, por requerer “novas” habilidades de leitura e de escrita, mas as formas gráficas – tipos e variações - são uma constante nesses processos.

Assim, ocorre uma (re)organização das práticas educacionais para conseguir preparar as futuras gerações do que está no porvir, mas nem toda mudança atinge o ambiente escolar e social de maneira homogênea, mesmo depois de uma nova tecnologia já estar em um processo avançado de saturação social. Contudo, a escrita (pictórica, ideográfica e alfabética) é uma das poucas tecnologias resilientes em decorrência da sua heterogeneidade e adaptabilidade aos suportes. Vemos na atualidade um uso misto de escrita fonética e *emoticons*, o que poderíamos pensar como uma escrita pictórica intercalando os textos modernos. Mostra-se, assim, a transversalidade de sistemas e, com isso, a necessidade de conhecermos a história da escrita como também a necessidade de um Letramento Paleográfico cada vez mais eficiente.

Ao retomarmos o objetivo deste trabalho, de discutirmos sobre o Letramento Paleográfico e a atualidade da Paleografia como história da cultura escrita em qualquer época e em suportes diversificados, podemos entender que a leitura e a interpretação de textos capacitam as pessoas a lidar com realidades complexas que se impõem. É necessário que a escola e o sistema educacional preparem bem os estudantes com capacidade de resolver problemas ao seu entorno. Um letramento para além da decodificação de signos é uma finalidade premente da escola. No entanto, é importante pensar na instrumentalização de leitura dos textos do passado e da atualidade para se conhecer melhor a história de um país, como também para se ter uma noção dos usos da língua materna em diferentes épocas e situações.

Dessa forma, o LP é um agir crítico no mundo na e pela escrita, é uma forma de se ter acesso às informações históricas e contextuais preservadas nos textos cujas informações são necessárias para a formação dos cidadãos. O professor da Educação Básica, tendo conhecimento das diversas formas de escrita, também teria embasamentos para melhor lidar com as dificuldades de seus alunos, uma vez que a escrita nos documentos segue um fluxo muito semelhante ao dos alunos no processo de aprendizagem. Além do que a Paleografia, em uma acepção moderna, define-se

como a prática de leitura crítica dos textos, além da decodificação, o que está em sintonia com as concepções de leitura modernas.

Retomando o que foi dito sobre a Filologia como prática de editar e publicar textos para consumo de interessados, oferece-se uma grande quantidade de textos produzidos em diferentes épocas que podem ser usados como material didático para o estudo da língua e da história de um povo. Arelada à Paleografia como leitura crítica dos textos, a Filologia contribui para um letramento mais profundo que colabora com a formação dos alunos.

Portanto, o LP deve ser uma prática constante nos processos educacionais e de formação dos profissionais da educação, por ser a escrita uma tecnologia presente em diferentes suportes e persistir em diferentes períodos e espaços, podendo ser um modo semiótico de escape para o entendimento dos processos linguageiros dinâmicos e por permitir o acesso a um número expressivo de textos.

REFERÊNCIAS

- Acioli VL. Escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: UFPE, Fundação Joaquim Nabuco, Massangana; 1994.
- Berwanger AR, Leal JEF. Noções de paleografia e de diplomática. 4.^a ed. Santa Maria: Editora UFSM; 2012.
- Fischer SR. Uma história da linguagem. Tomás MIG, tradutora. Lisboa: Temas e debates; 1999.
- Fischer SR. História da escrita. Pinsky M, tradutora. São Paulo: Editora da UNESP; 2009.
- Higounet C. História concisa da escrita. Marcionilo M, tradutor. São Paulo: Parábola; 2003.
- Janson T. História das línguas: uma introdução. Bagno M, tradutor. São Paulo: Parábola; 2015.
- Loiola WR. Edição e estudo do gênero alvará do século XVIII ao XXI no Ceará [tese]. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará – UECE; 2019. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=95924>.
- Martins W. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.^a ed. São Paulo: Ática; 2002.
- Mendes UD. Noções de paleografia. São Paulo: Secretaria de Educação; 1953.
- Snyder I. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In: Araújo JC, Dieb M, organizadores. Letramentos na web: gêneros, interação e ensino. Fortaleza: Edições UFC; 2009. p. 23-46.
- Soares M. Letramento: um tema em três gêneros. 2.^a ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2002.
- Street BV. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: Magalhães I, organizadora. Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas: Mercado de Letras; 2012.
- Tfouni LV. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez; 1995.
- Zozaya-Montes L. Paleografia de las edades media y moderna: transcribir la escritura antigua [Internet]. 2017. Disponível em: <https://paleografia.hypotheses.org/2183>.